
CORPOS DE COMBATENTES VIVOS OU MORTOS

É sabido o desconhecimento ou o pseudo-desconhecimento ou o conhecimento completo do que foi a guerra.

Quem a provou, limita sempre a descrição de três formas: ou exagera os relatos de acontecimentos, ou fica quedo e mudo acerca do que presenciou, ou pensa que sabe o que se passou.

Simples mortal como todos os combatentes, porto comigo angústia e depressão com distúrbios de stress associados por ter estado na guerra... Mas felizmente sem stress de guerra porque a vivi com frieza e paixão, para dizer o seguinte: participar numa guerra, é de tal modo violento, que medir ou descrever o que se passou, é um exercício sempre incompleto, e as muitas tentativas já feitas são exercícios limitadíssimos da verdade; aqui se incluem psicólogos, psiquiatras, políticos.

A verdade era e é o conhecimento por nós afirmado de que "éramos carne para canhão".

Os corpos dos militares nos teatros de guerra em zona de 100% enquanto vivos, eram expostos ao perigo latente de deflagrações com explosivos, à fome e à sede, e muitas vezes ao divertimento seja em viaturas ou nos aldeamentos onde tudo acontecia sob a égide da guerra.

Mortos, os corpos dos camaradas eram os nossos próprios corpos, pois ao ouvir-se sempre que morre um combatente morremos sempre um pouco de nós era e é a única verdade.

O caso de urna sem corpo, é o caso dum corpo que morreu na guerra, e quem morre na guerra morrendo de tiro na emboscada, de mina rebentada na picada, de abono de moiteiro, ou no acidente de uma viatura é um corpo trucidado para sempre com o mesmo grau de dignidade e "heroísmo" - dizermos que na guerra se tratavam bem corpos mortos ou vivos é um grande mito - uma mentira.

Sim, o camarada tratou da acomodação do corpo com rigor. Mas depois? Quem não se surpreendia ao deparar com um caixão dissimulado por um caixote onde nos sentávamos inadvertidamente numa Berliet durante a coluna, ou no porão do Nordatlas, ou em concreto quem não se lembra do que era a morgue na Enfermaria Regional de Mueda?

Este caso do Combatente Tertuliano em Angola é o caso dum corpo que vivo e infelizmente morto, foi sujeito a uma violência (que violência maior do que ter estado na guerra?) por todos nós impossível de descrever, e muito menos de medir.

A guerra traz disto e de muito mais.

João Asseiceiro

29Mai2010

Obs:

http://ultramar.terraweb.biz/Memoriais_concelhos_Peniche_AtouquiadaBaleia_UrnaCombatente.htm